



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE  
DIRETORIA DE POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS  
CAMPUS CUITÉ – PB

UFCG/BIBLIOTECA

**A IMPORTÂNCIA DA APLICAÇÃO DA ECONOMIA  
SOLIDÁRIA NA ASSOCIAÇÃO DE APICULTORES DO SÍTIO  
ESPINHEIRO NO MUNICÍPIO DE CUITÉ-PB**

**Flavia Maria da Silva Macêdo**

**Cuité – PB  
Setembro/2013**

**FLAVIA MARIA DA SILVA MACÊDO**

UFCG/BIBLIOTECA

**A IMPORTÂNCIA DA APLICAÇÃO DA ECONOMIA  
SOLIDÁRIA NA ASSOCIAÇÃO DE APICULTORES DO SÍTIO  
ESPINHEIRO NO MUNICÍPIO DE CUITÉ-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisitos para obtenção do título de especialista.

**Orientador: Prof. DSc. Ramilton Marinho da Costa**

**Cuité – PB  
Setembro/2013**



Biblioteca Setorial do CES.

Julho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE  
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

**M141i**      **Macedo, Flávia Maria da Silva.**

**A importância da aplicação da economia solidária na Associação de Apicultores do Sítio Espinheiro, Cuité, PB. / Flávia Maria da Silva Macedo – Cuité: CES, 2013.**

**36 fl.**

**Monografia (Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano) – Centro de Educação e Saúde / UFCEG, 2013.**

**Orientador: Dr. Ramilton Marinho Costa.**

**1. Economia solidária. 2. Associação de apicultores. 3. Educação solidária. I. Título.**

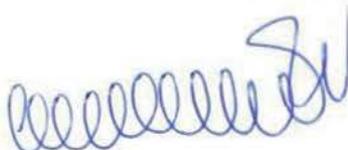
**CDU 330.873**

**FLAVIA MARIA DA SILVA MACÊDO**

**A IMPORTÂNCIA DA APLICAÇÃO DA ECONOMIA  
SOLIDÁRIA NA ASSOCIAÇÃO DE APICULTORES DO SÍTIO  
ESPINHEIRO NO MUNICÍPIO DE CUITÉ-PB**

Aprovada em 16 de setembro de 2013

BANCA EXAMINADORA



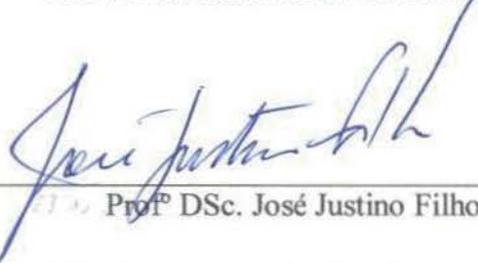
---

Orientador: Prof<sup>o</sup>. DSc. Ramilton Marinho da Costa



---

Prof<sup>o</sup>. DSc. Marta Maria da Conceição



---

Prof<sup>o</sup> DSc. José Justino Filho

UFCC/BIBLIOTECA

**Os pensamentos acabam ditando o comportamento.**

**A maneira de pensar influencia a maneira de agir.**

**(Mark Finley)**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado forças e coragem para não desistir e por ser o responsável por todas as minhas conquistas.

Ao meu irmão Euflávio, pelo o apoio e dedicação para a realização deste trabalho.

Ao meu esposo Emanuel, pelo o carinho e dedicação durante todo curso, sendo meu ponto de apoio, nas minhas necessidades e dificuldades do dia a dia.

Aos meus filhos Wagner e Wanderson, que estão sempre prontos a colaborar com seus conhecimentos e me fazer entender que sou capaz e que nunca desista, sejam quais forem às dificuldades.

Aos Srs: Lincoln e Givanildo, pela colaboração com questões de fundamental importância para a realização deste estudo.

A minha nora Aline, que com carinho estar sempre pronta a resolver questões fundamentais.

A todos os professores que aqui passaram, transmitindo conhecimentos e incentivo no sentido de mostrar que todos nós temos condições de melhorar, é só acreditar e fazer.

Aos meus colegas de turma, com ao meu grupo de trabalho, especialmente a Luziane, com a qual desenvolvemos a maior afinidade, o que possibilitou socializar os conhecimentos adquiridos e partilhar, numa atitude de cumplicidade, as dificuldades as frustrações, mas também o sucesso desejado.

A professora Marta, por estar sempre junta, pelo apoio e colaboração durante todo o curso com os seus conhecimentos.

Ao professor Ramilton, pela paciência e presteza com que nos tratou durante todo o curso e pela preciosa orientação para este trabalho.

A UFCG, Campus Cuité, pela formação.



## RESUMO

A economia solidária pauta-se no princípio de uma agricultura sustentável, baseada em princípios sociais, econômicos e ambientais, primando pela dimensão identitária e cultural. Este trabalho analisa as práticas agrícolas dos camponeses da comunidade do Sítio Espinheiro, localizado no município de Cuité – PB, (produção técnica de mel de abelha), através do comando de uma associação de apicultores. Observando os princípios agroecológicos desenvolvidos por eles sob a perspectiva da economia solidária. A metodologia utilizada para a construção do trabalho foi à revisão bibliográfica, visitas e entrevistas com os camponeses da localidade. As práticas presentes no Sítio Espinheiro diferenciam-se à lógica capitalista apregoada pela chamada Revolução Verde. A partir da pesquisa foi percebido a boa relação dos agricultores com a terra, onde as suas ideologias e competências favorecem a afirmação de uma agroecologia cada vez mais consolidada. Contudo, os apicultores relatam que faltam maiores incentivos e divulgação desses produtos e a descoberta dos mesmos pela sociedade. Como possível solução desse problema se propõe a parceria dos órgãos governamentais com a sociedade civil organizada, através de um programa de Educação Solidária.

Palavras Chave: Economia Solidária; Associação de Apicultores; Educação Solidária.

UFMG/BIBLIOTECA

## ABSTRACT

The solidarity economy is based on the principle of sustainable agriculture. based on social, economic and environmental principles, prioritizing the identity and cultural dimension. This work analyzes the agricultural practices of the peasants of the Sítio community Espinheiro, located in the municipality of Cuité - PB, (technical production of bee honey), through the command of an association of beekeepers. observing the principles agroecological developments developed by them from the perspective of the solidarity economy. THE methodology used for the construction of the work was the literature review, visits and interviews with local farmers. The practices present at Sítio Espinheiro they differ from the capitalist logic advocated by the so-called Green Revolution. From the research was perceived the good relationship of farmers with the land, where their ideologies and competences favor the affirmation of an increasingly consolidated agroecology. However, beekeepers report that they lack greater incentives and dissemination of these products and the discovery of them by society. As a possible solution to this problem, it is proposed to partnership of government bodies with organized civil society, through a Solidarity Education program.

**Keywords:** Solidarity Economy; Beekeepers Association; Solidarity Education

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO .....	1
2.	REFERENCIAL TEÓRICO .....	4
2.1	HISTÓRICO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA .....	5
2.2	A ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL .....	6
2.3	A ECONOMIA SOLIDÁRIA NA PARAÍBA .....	9
3.	METODOLOGIA .....	13
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA DO PONTO DE VISTA DA SUA NATUREZA .....	13
3.2	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA DO PONTO DE VISTA DA FORMA DE ABORDAGEM DO PROBLEMA .....	13
3.3	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA DO PONTO DE VISTA DE SEUS OBJETIVOS .....	13
3.4	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA DO PONTO DE VISTA DOS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS .....	14
3.5	INSTRUMENTOS DE PESQUISA .....	14
4.	RESULTADOS .....	15
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	20
6.	REFERÊNCIAS .....	22
	APÊNDICE .....	23

## LISTA DE TABELAS

1. Evolução no quadro de sócios da Associação de Apicultores do Espinheiro, desde a sua fundação até os dias atuais e sua origem..... 18

## LISTA DE FIGURAS

1. Estrutura da Economia Solidária no Brasil .....	9
2. Encontro paraibano de economia solidária. Lagoa Seca – PB 30 e 31 de agosto/2012.....	11
3. Agricultores da Comunidade Espinheiro, em momento de aprendizagem escolar. Programa de Alfabetização Solidária, município de Cuité – PB.....	19
4. Agricultores da Comunidade Espinheiro, em momento de aprendizagem escolar. Programa de Alfabetização Solidária, município de Cuité – PB.....	19
5. Pesquisadora, no momento da entrevista ao presidente da Associação dos Apicultores do Espinheiro, mostrando a nova área de beneficiamento do mel de abelha colhido no campo.....	25
6. Pesquisadora, no momento da entrevista ao presidente da Associação dos Apicultores do Espinheiro, mostrando a nova área de beneficiamento do mel de abelha colhido no campo.....	25
7. Equipamentos de beneficiamento do mel de abelha.....	25
8. Equipamentos de beneficiamento do mel de abelha.....	25
9. Equipamentos de criação técnica das abelhas, distribuídas entre a vegetação nativa da região.....	26
10. Equipamentos de criação técnica das abelhas, distribuídas entre a vegetação nativa da região.....	26



## 1. INTRODUÇÃO

A economia solidária é uma forma de produção, consumo e distribuição de riqueza centrada na valorização do ser humano e não do capital. Possui base associativista e cooperativista, sendo voltada para a produção, consumo e comercialização de bens e serviços de modo autogerido, onde sua maior finalidade é a reprodução ampliada da vida na comunidade. Para tanto fundamenta o entendimento do trabalho como um meio de libertação humana, viabilizando um processo de democratização econômica, criando alternativas, diferenciando-se da questão assalariada das relações do trabalho capitalista.

A Economia Solidária possui uma finalidade multidimensional, já que envolve a dimensão social, econômica, política, ecológica e cultural. Trabalhando de forma sustentável a visão econômica de geração de trabalho e renda, através das experiências conjuntas daqueles que participam do processo como um todo. Desse modo se propõe a criar um ambiente socialmente justo e sustentável.

A economia solidária é um modo específico de organização de atividades econômicas. Ela se caracteriza pela autogestão, ou seja, pela autonomia de cada unidade ou empreendimento e pela igualdade entre os seus membros.

Segundo Singer (2000), sugere que a economia solidária seja uma estratégia possível de luta contra as desigualdades sociais e o desemprego:

"Ela aproveita a mudança nas relações de produção provocada pelo grande capital para lançar os alicerces de novas formas de organização da produção, à base de uma lógica oposta àquela que rege o mercado capitalista...".

Já para Mance (1999), o conceito vai além e agrega ao conceito a noção não apenas de geração de postos de trabalho, mas sim uma colaboração solidária visando à construção de sociedades pós-capitalistas em que se garanta o bem-viver de todas as pessoas:

"ao considerarmos a colaboração solidária como um trabalho e consumo compartilhados cujo vínculo recíproco entre as pessoas advém, primeiramente, de um sentido moral de corresponsabilidade pelo bem-viver de todos e de cada um em particular, buscando ampliar-se o máximo possível o exercício concreto da liberdade pessoal e pública, introduzimos no cerne desta definição o exercício humano da liberdade..."

Desse modo, a economia solidária, apresenta-se como uma reconciliação do trabalhador com seus meios de produção. De acordo com Gaiger (2003):

“fornece uma experiência profissional fundamentada na equidade e na dignidade, na qual ocorre um enriquecimento do ponto de vista cognitivo e humano”.

Estudos relativos ao tema da economia solidária de maneira mais científica denotam sua origem, próxima a Primeira Revolução Industrial, como resposta por parte dos artesãos expulsos dos mercados pelo advento da máquina a vapor. Mostrando-se depois de forma mais acentuada, na passagem do século XVIII para o século XIX, onde na Grã-Bretanha, surgem as primeiras Uniões de Ofícios e as primeiras Cooperativas. Ganhando destaque a fundação da Cooperativa de Consumo dos Pioneiros Equitativos de Rochdale (1844). Foram os primeiros passos para o cooperativismo de consumo consolidar-se em grandes empreendimentos e se espalhar primeiro pela Europa e depois pelos demais continentes. Por outro lado, segundo GAIGER e LAVILLE (2009), a expressão economia solidária, foi ratificada somente na última década do século XX.

No tocante ao estudo da temática em questão foi procurado trabalhar com a associação de apicultores do Sítio Espinheiro, zona rural do Município de Cuité – PB, no sentido de lhes apresentar de forma mais incisiva informações para o desenvolvimento de suas atividades laborais usando o princípio da economia solidária. Partindo de um marco zero, para acompanhar seus futuros avanços e ou retrocessos. Levando-se em conta que desde sua implantação até os dias atuais, não foi utilizado tal sistema. Outro ponto do estudo foi focado nas ações que levaram a criação da associação, por exemplo, como foram formulados, trabalhados, aceitos ou rejeitados os princípios e práticas da do sistema associativo.

Observando a influência da associação na evolução social, econômica, educacional e cultural dos seus associados. Analisando o grau de aceitação do sistema associativo, quando da implantação na comunidade. Verificando como foram trabalhados os pontos positivos e negativos, identificados pelos associados no decorrer do tempo. Analisando a influência do grau de escolaridade dos associados em relação a sua participação na prática produtiva. E por fim observado como são distribuídos os ganhos financeiros entre os associados, fazendo correlação com o sistema de cooperativismo a nível regional e nacional. Tendo em vista que foi um fato novo para os agricultores, a implantação de práticas inovadoras e até então desconhecidas.

O presente trabalho enfocou na Associação de Apicultores do Sítio Espinheiro no Município de Cuité – PB, desde a sua fundação em meados da década de 1990, até os dias atuais. Analisando principalmente como foi conduzida, pois, desde a sua fundação, uma vez que optou pela inovação, onde se propôs implantar na região um sistema, até então

desconhecido de seus associados, que foi o de cooperativa de produção. Desse modo, verificando passo a passo todas as dificuldades iniciais, seu pico de funcionamento e ainda como se encontra nos dias atuais, identificando quais foram os avanços produzidos por esse sistema de gestão participativa, onde o coletivo deve ser sempre o ponto dominante em detrimento de posições individualistas, buscando de forma ampla e geral o bem da comunidade e conseqüentemente fortalecendo o conjunto da obra como um todo.

Para tanto, se fez necessário identificar dentro da comunidade, o interesse individual e coletivo, no sentido de aceitação de outro passo mais adiantado que é a implantação do sistema de economia solidária. Desse modo, através de visitas e aplicação de questionários se procurou identificar a situação econômica da associação e também dos associados de forma particular, verificando as condições do espaço físico, materiais disponíveis para trabalho, sondagem quanto a uma proposta de divisão equitativa para os associados em relação aos lucros obtidos da exploração do mel de abelha e derivados e por fim analisar de forma ampla se a introdução do sistema de economia solidária terá chance de sobreviver em uma região rural tão carente.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Como consta no Atlas da Economia Solidária no Brasil, elaborado pela SENAES, coloca-se como definição de Economia Solidária:

“(...) uma forma de produção e distribuição de riqueza centrada na valorização do ser humano, e não no capital - de base associativista e cooperativista, voltada para a produção, consumo e comercialização de bens e serviços, de modo autogerido, tendo como finalidade a reprodução ampliada e melhorada da vida dentro da comunidade”, MTE (2006).

Segundo Singer (2002):

“a Economia Solidária é um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver. Prega o princípio de não exploração dos outros, contrariando aqueles que trabalham apenas querendo levar vantagem, procura também, agir de forma a agredir o mínimo possível o ambiente. Desse modo coopera para o fortalecimento do grupo de modo que cada um pense no bem de todos, muitas vezes em detrimento do seu próprio bem. Apresenta-se então como alternativa inovadora de autogestão de trabalho, renda e ainda como uma resposta a favor da inclusão social”.

É composta por uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, redes de cooperação, entre outras. Sempre procurando realizar atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário.

Nesse sentido, entende-se por economia solidária, o conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito, organizados sob a forma de autogestão. Possuindo características como: Cooperação, Autogestão, Dimensão Econômica e Solidariedade.

Desse modo a economia solidária, aponta para uma nova lógica de desenvolvimento sustentável com geração de trabalho e distribuição de renda, mediante um crescimento econômico com proteção dos ecossistemas. Seus resultados econômicos, políticos e culturais são compartilhados pelos participantes, sem distinção de gênero, idade e raça.

Laville (apud Lechat, 2002):

“caracteriza a Economia Solidária como sendo um conjunto de atividades econômicas cuja lógica diferencia-se da lógica do mercado capitalista, bem como da lógica do Estado, enquanto que a economia capitalista, centrada sobre o capital a ser acumulado, funciona a partir

de relações competitivas tendo como objetivo o alcance de interesses individuais”.

Desse modo enquanto à economia solidária organiza-se a partir de fatores com base na solidariedade humana, favorecendo as relações onde o laço social é valorizado através da reciprocidade, da autogestão, adotando sempre as formas comunitárias. Diferencia-se da economia estatal, principalmente no ponto que não admite uma autoridade central quanto a formas de propriedade institucional.

## 2.1 HISTÓRICO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

A Economia Solidária surgiu pouco tempo depois do capitalismo industrial, em resposta ou reação ao repentino e espantoso empobrecimento da classe artesã, como consequência da difusão veloz das máquinas e da organização das fábricas de produção em massa, características da revolução industrial. O processo de crises e misérias se mostrou de forma sintomática na condição de vida dos proletariados, pois surgiu, o ideal liberal de auto regulação da economia, que era levado a cabo como princípio e dogma inquestionável do capitalismo. Tal modelo ideológico liberal causou uma exploração demasiada da classe operária através de jornadas de trabalho excessivas, utilizando-se de mão de obra infantil e condições de trabalho insalubre e consequente aumento crescente de desemprego SINGER (2002).

Nesse contexto, foram dados os primeiros passos em direção a um tipo novo de economia, que pudesse estabelecer novas formas de se trabalhar com menos desumanidade, logo os pensadores do campo econômico passaram a direcionar ou pautar, suas ideias no sentido de criar uma economia nova que denominaram futuramente de solidária. Desse modo surge no início do século XIX na Europa, com destaque para França e Inglaterra, uma sequência de eventos, sob o comando de Claude Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1873), Pierre Proudhon (1908-1865) e Robert Owen (1773-1858), onde:

Simon, “projeta a figura do Estado com característica forte e industrializado, controlando os padrões da sociedade e dos trabalhadores no sentido de objetivar a busca do bem estar das classes trabalhadoras, através da produção de coisas úteis à vida e ainda responsável pela redistribuição da riqueza, fomentando também a união das classes trabalhadoras em associações de cidadãos”. Por outro lado, Fourier, “pensa numa sociedade constituída por fazendas coletivas agroindustriais, onde todos desempenhariam papéis importantes com o objetivo do bem-estar comum da comunidade.

Sendo que a divisão da riqueza se daria de acordo com a quantidade e qualidade do trabalho de cada indivíduo”.

Já Proudhon, “idealiza uma sociedade formada por pequenos produtores que obteriam financiamento de bancos de troca para a aquisição dos meios de produção e onde o dinheiro seria substituído por certificados de circulação fazendo com que as sociedades trocassem serviços, sendo cada serviço devidamente valorado, para que dessa forma pudesse haver um, equilíbrio dentro das comunidades produtivas”. Owen, de maneira diferente, “defende a criação de uma sociedade comunista, onde através da organização de colônias cooperativas, desapareceria de forma permanente a propriedade privada dos meios de produção”.

Na perspectiva de construção de sociedade cooperativista, os quatro pensadores, contribuíram para a criação e organização de diversas cooperativas em meados do século XIX na Europa, destacando-se entre eles a figura de Owen.

Logo se tornou muito evidente a ligação da economia solidária com a crítica operária e socialista do capitalismo. Como consequência, Houve, na Inglaterra e nos Estados Unidos, ainda no século XIX, o surgimento de inúmeras iniciativas guiadas ou influenciadas por esses pensadores, já que claramente mostrava uma valorização do ser humano, bem como do mutualismo característico das cooperativas e associações de produção. Tais cooperativas e associações criadas por trabalhadores funcionavam com o objetivo de minimizar os efeitos maléficos trazidos pelo sistema liberal capitalista. Merece destaque na história como a mais famosa das cooperativas de consumo, a Cooperativa dos Pioneiros Equitativos de Rochdale (Inglaterra), criada em 1844. Nela, os princípios da economia solidária foram tão bem estabelecidos, que até os dias atuais servem de inspiração para o cooperativismo moderno e sua legislação a nível mundial. (A origem do cooperativismo, 2004).

## 2.2 A ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL

No Brasil, as iniciativas de implantação da Economia Solidária, emergem com particular significado nas organizações e movimentos sociais populares no decorrer dos anos 90 e início da década posterior, desembocando, por pressão desse movimento da sociedade civil, na criação de uma Secretaria Nacional de Economia Solidária - SENAES. Essa SENAES é criada no âmbito do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) para ser uma mediadora e proponente de alternativas de Economia Solidária, em particular, na perspectiva de direcionamento da ação do Estado. Economia Solidária, pois, como política pública, mais

propriamente, política de Estado, é o que estaria na base desse movimento social, Munarim (2007).

Em 2003, foi criado o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) e hoje há fóruns locais e regionais para debater e promover o assunto. A atividade ganhou também o apoio de governos municipais e estaduais, o que levou a um aumento no número de programas de economia solidária, como bancos do povo, centros populares de comercialização e projetos de capacitação.

O FBES, Fórum Brasileiro de Economia Solidária, está organizado em todo o país em mais de 160 Fóruns Municipais, Microrregionais e Estaduais, envolvendo diretamente mais de 3.000 empreendimentos de economia solidária, 500 entidades de assessoria, 12 governos estaduais e 200 municípios pela Rede de Gestores em Economia Solidária.

O FBES é fruto do processo histórico que culminou no I Fórum Social Mundial (I FSM), que contou com a participação de 16 mil pessoas vindas de 117 países, nos dias 25 a 30 de janeiro de 2001. Dentre as diversas oficinas, que promoviam debates e reflexões, 1.500 participantes acotovelam-se na oficina denominada “Economia Popular Solidária e Autogestão” onde se tratava da auto-organização dos/as trabalhadores/as, políticas públicas e das perspectivas econômicas e sociais de trabalho e renda. Quanto à organização e funcionamento, integram o FBES os três segmentos do campo da Economia Solidária: empreendimentos da economia solidária, entidades de assessoria e/ou de fomento e gestores públicos.

Para ARROYO e SCHUCH (2006), Empreendimentos Econômicos Solidários são organizações com as seguintes características:

- “1) Coletivas (organizações suprafamiliares, singulares e complexas, tais como associações, cooperativas, empresas autogestionárias, clubes de trocas, redes, grupos produtivos, etc.);
- 2) Seus participantes ou sócias/os são trabalhadoras/es dos meios urbano e/ou rural que exercem coletivamente a gestão das atividades, assim como a alocação dos resultados;
- 3) São organizações permanentes, incluindo os empreendimentos que estão em funcionamento e as que estão em processo de implantação, com o grupo de participantes constituído e as atividades econômicas definidas;
- 4) Podem ter ou não um registro legal, prevalecendo a existência real;
- 5) Realizam atividades

econômicas que podem ser de produção de bens, prestação de serviços, de crédito (ou seja, de finanças solidárias), de comercialização e de consumo solidário”.

Entidades de assessoria e/ou fomento são organizações que desenvolvem ações nas várias modalidades de apoio direto junto aos empreendimentos solidários, como: capacitação, assessoria, incubação, pesquisa, acompanhamento, fomento a crédito, assistência técnica e organizativa; através dos gestores públicos que elaboram, programam, coordenam e executam políticas de economia solidária de prefeituras e governos estaduais.

A economia solidária se expandiu a partir de instituições e entidades que apoiavam iniciativas associativas comunitárias e pela constituição e articulação de cooperativas populares, redes de produção e comercialização e feiras de cooperativismo.

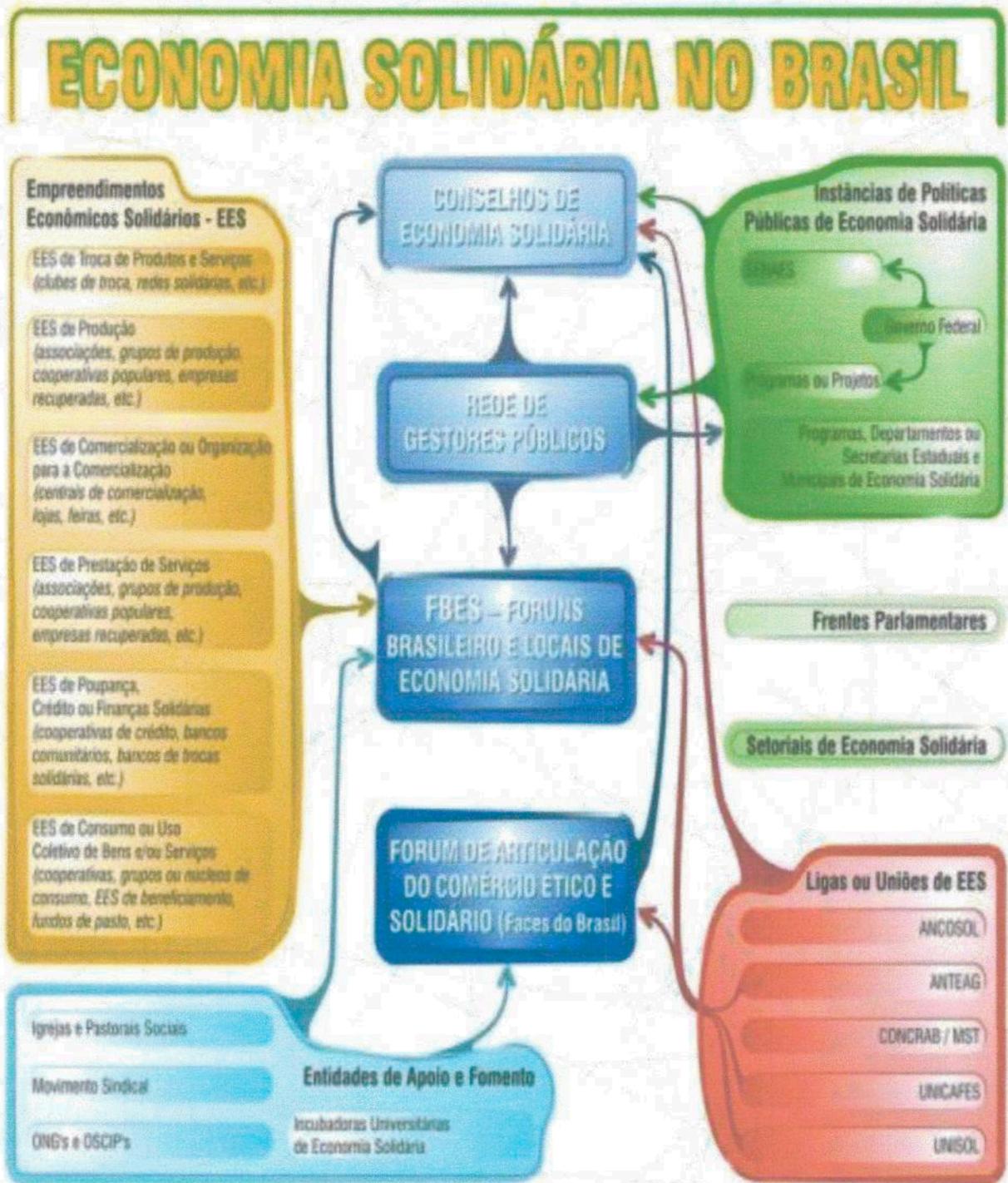
A economia solidária surge no Brasil, em um período que o mundo passa por uma crise quase que global, principalmente os países em desenvolvimento, se encontram muito endividados. Como forma de alternativa de defesa da classe trabalhadora, contra o processo neoliberal de aniquilamento de milhões de postos de trabalho formal, que se dá a partir da década de 80, tanto da iniciativa privada, quanto do setor público, fazendo com que a classe trabalhadora que perdera seus empregos se organizasse em seus próprios negócios, na forma de cooperativas, ou mesmo assumindo empresas em processo falimentar, adotando um controle autogestionário. E em meados dos anos 90, despontam-se em várias universidades as “Incubadoras de Cooperativas Populares”, com o objetivo de ajudar os grupos comunitários a desenvolverem-se coletivamente em atividades econômicas.

Atualmente, a economia solidária tem se articulado em vários fóruns locais e regionais, resultando na criação do Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Hoje, além do Fórum Brasileiro, existem 27 fóruns estaduais com milhares de participantes (empreendimentos, entidades de apoio e rede de gestores públicos de economia solidária) em todo o território brasileiro. Foram fortalecidas ligas e uniões de empreendimentos econômicos solidários e foram criadas novas organizações de abrangência nacional.

A economia solidária também vem recebendo, nos últimos anos, crescente apoio de governos municipais e estaduais. O número de programas de economia solidária tem aumentado com destaque para os bancos do povo, empreendedorismo popular solidário, capacitação, centros populares de comercialização etc. Fruto do intercâmbio dessas iniciativas existe hoje um movimento de articulação dos gestores públicos para promover troca de experiências e o fortalecimento das políticas públicas de economia solidária (Cidadania e

economia solidária<sup>1</sup>). A estrutura atual da economia solidária no Brasil estar montada, como pode ser visualizada abaixo:

Figura 1 – Estrutura da Economia Solidária no Brasil. Fonte: <http://www.brasil.gov.br/>.



### 2.3 A ECONOMIA SOLIDÁRIA NA PARAÍBA

O Fórum Estadual de Economia Solidária da Paraíba foi um espaço de organização dos segmentos que compõem o campo da economia solidária e de articulação

com movimentos sociais. Possui entre suas atribuições, a de promover os mais variados tipos de encontros, no sentido de promover o crescimento da economia solidária no Estado da Paraíba, como o que se encontra descrito abaixo:

“Com a realização do Encontro Estadual de Economia Solidária da Paraíba, entre os dias 29 e 30 de setembro e 01 de outubro, o FEES/PB avançou na construção de suas definições e sobre sua organização. O Encontro foi realizado em formato de oficina, onde os participantes discutiram o tema AUTOGESTÃO, na perspectiva da construção de caminhos para que o Fórum possa se fortalecer e, ao mesmo tempo praticar os valores e princípios que afirmam a solidariedade no seu cotidiano. Entre os principais encaminhamentos, foram tomadas as seguintes decisões: 1. O FEES/PB terá dois grupos de Trabalho (Comercialização; Marco Legal e Finanças Solidárias). O GT de formação deixou de existir, pois o Encontro entendeu-se que, com a existência do Coletivo Estadual de Educadores em Economia Solidária (Cfes) não seria necessário a existência desse GT. 2. O Planejamento definiu a organização das Plenárias Estaduais, sendo que as reuniões passam a ser organizadas em Campina Grande ou em Patos, com a finalidade de aproximar todos os Regionais. As Plenárias Regionais foram mantidas, dando mais autonomia para que as regiões (Mata, Agreste/Cariri e Sertão) possam se auto organizar, sendo que os empreendimentos passam a ser responsáveis pela organização das Planárias Regionais. 3. Uma nova coordenação foi escolhida, com a indicação de três entidades de assessoria (IMS, PASPP e CAAASP) e seis empreendimentos ( Grupos Reviver e Vitória (João Pessoa), Feira Agroecológica (Aparecida) e Grupo Gruma (Cajazeiras). Os empreendimentos da região do Agreste ficaram de indicar seus nomes no dia 17/10 e indicaram COOARTE (Fagundes) e Loja de ES (Campina Grande). Os dois representantes, membros da coordenação estadual, na coordenação nacional do FBES ficaram de ser definidos entre os/as escolhidos/as. 4. A Rede de Gestores Públicos passou a ser representada no Fórum por Patrícia Melo da Agência de Desenvolvimento Municipal (AMDE) de Campina Grande e Sandro Gomes (Cidades) foi indicado para representar o Fórum no Conselho Gestor do Cfes”. Fonte: feesp.

Desse modo coordena as ações de desenvolvimento da economia solidária em todo o Estado da Paraíba buscando de forma integrada a rede nacional, manter ativa a constante busca da melhoria de vida do povo paraibano.

O movimento paraibano de economia solidária, representado por diversos empreendimentos econômicos solidários (grupos de produção, associações e cooperativas), por organizações de assessoria, de apoio e de fomento e por gestores públicos do campo da economia solidária, reunidos em sua Plenária Estadual, na cidade de Lagoa Seca, nos dias 30 e 31 de agosto de 2012, expos suas preocupações, convicções e propostas, frente aos

problemas que consideramos de vital importância para a construção de relações sociais e humanas, no contexto das questões políticas, culturais, ambientais e econômicas, que afetam diretamente a vida de trabalhadoras e trabalhadores, submetidos cotidianamente às desigualdades impostas pelo sistema econômico vigente.

No encontro é debatido e ressaltado que o capitalismo é um sistema gerador de crises cíclicas decorrentes das bases estruturais desse modo de produção, da sua necessidade permanente de revolucionar as condições de produção para manter a exploração do trabalho como base da acumulação do capital, ao mesmo tempo em que explora a natureza como fonte inesgotável de recursos.

Na contramão desse sistema, foi colocada a economia solidária como sua forte opositora, afirmando, em suas práticas, que existem outras formas possíveis de organização do trabalho, da sociedade e das relações entre seres humanos e o meio ambiente, que buscam, em detrimento da exploração do mercado, afirmar um desenvolvimento que valorize o bem viver.

Desse modo, o encontro foi finalizado com a determinação de seus participantes por buscar o apoio necessário da sociedade, das organizações dos trabalhadores e dos movimentos populares (espaços de convergência), em busca da construção de um campo que favoreça e fortaleça as bandeiras de luta da economia solidária: por uma legislação específica (Marco Legal), por recursos orçamentários para o financiamento das políticas públicas (Fundo de Economia Solidária) e por instrumentos de incidência e controle social (Conselhos de Economia Solidária); pelo fomento e apoio a educação, a assessoria técnica e aos seus instrumentos de comercialização.

Figura 2 – Foto do encontro paraibano de Economia Solidária. Lagoa Seca – PB 30 e 31 de agosto de 2012. Fonte: [anchietacaritas@hotmail.com](mailto:anchietacaritas@hotmail.com)



Em síntese, para a construção de uma estratégia de desenvolvimento sustentável e solidário, há a necessidade de reconhecimento da economia solidária como direito de cidadania, entendido como direito dos trabalhadores (as) às condições socialmente necessárias o de produção e como dever do Estado.

Desta feita, o estudo da aplicação de práticas de economia solidária na associação de apicultores do Sítio Espinheiro, zona rural do Município de Cuité – PB vem a se tornar uma forma de visualizar como se daria esta prática na Região Nordeste, em especial no Estado da Paraíba, onde são comuns problemas sociais. Podendo vir a ser mais uma medida de combate a tais problemas.

### 3. METODOLOGIA

Este capítulo tem a finalidade de apresentar a sequência e classificação dos métodos utilizados para realização do estudo de caso, partindo da identificação do problema, baseado nos fundamentos teóricos até a proposição da solução para o problema apresentado. Sendo assim, segue a seguinte linha: caracterização do ambiente de pesquisa, caracterização da pesquisa quanto: o ponto de vista da sua natureza; da forma de abordagem do problema; de seus objetivos e dos procedimentos técnicos.

#### 3.1. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA DO PONTO DE VISTA DA SUA NATUREZA.

Esta pesquisa tem em sua natureza um caráter aplicado, visto que não objetiva o avanço da ciência a partir da criação de novos conhecimentos, e sim a aplicação de conhecimentos existentes em casos específicos.

#### 3.2. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA DO PONTO DE VISTA DA FORMA DE ABORDAGEM DO PROBLEMA.

A abordagem do problema neste trabalho de estudo de caso, tem uma forma qualitativa, uma vez que não necessita do uso de técnicas e métodos estatísticos para a interpretação dos dados. Sendo necessária apenas a interpretação dos fenômenos e a atribuição dos seus significados, de forma que a chave da pesquisa está no pesquisador e a fonte direta para a coleta de dados é o seu ambiente natural.

#### 3.3. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA DO PONTO DE VISTA DE SEUS OBJETIVOS.

Esta pesquisa assume um caráter descritivo. Por procurar descrever as características atuais do objeto de estudo para uma posterior proposição das mudanças necessárias, utilizando para isso observações sistemáticas. Como o levantamento bibliográfico com o intuito de proporcionar uma familiarização com o problema, tendo como característica o fato de ser conduzida sob a forma de um estudo de caso. Para tanto se traçou os seguintes objetivos:

- Realizar um levantamento de informações acerca da questão da implantação da Associação de Produtores de Mel de Abelha do Espinheiro. Buscando dentro do levantamento bibliográfico, conceitos relacionados ao estudo de caso e fazendo uma interação entre a literatura existente e a realidade vivida na comunidade.

- Proceder às visitas ao local de pesquisa a fim de identificar a atual situação da associação em relação aos objetivos propostos desde a sua implantação e os avanços ou retrocessos ocorridos ao longo do tempo.
- Propor uma parceria entre associados e os programas de educação de adultos, no sentido de montar parcerias entre a atividade produtiva e o aumento da escolaridade em geral dos membros da comunidade.

#### 3.4. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA DO PONTO DE VISTA DOS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS.

Devido ao fato de ter sido fundamentada a partir de material já publicado, esta pesquisa tem um caráter bibliográfico. De levantamento, pelo fato de ter envolvido a interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. E sendo considerado também um estudo de caso, por objetivar o profundo detalhamento de um único objetivo e por fim tendo a característica de ser uma pesquisa-ação por ser associada com a proposição de implantação de um sistema conjunto de trabalho associativista no campo com a educação de adultos da comunidade.

Este estudo de caso e busca o detalhamento de um único objetivo, mas tem também a característica de ser uma pesquisa-ação por ser associada com a proposição de implantação de um sistema conjunto de trabalho associativista no campo com a educação de adultos da comunidade.

A partir das visitas realizadas no local da pesquisa e a análise dos questionários aplicados, foi identificada a necessidade educacional da comunidade e posteriormente propostas as devidas ações para implantação de um projeto mais eficaz para melhoria da situação socioeconômica e educacional dos membros da Associação de Produtores de Mel de Abelha do Espinheiro e comunidade em geral.

#### 3.5 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

- Visitas de campo para produção Relatório técnico montado a partir das respostas colhidas e visualização da estrutura física (fotos). Apêndice.
- Questionário estruturado aplicado ao responsável pela administração da Associação de Produtores de Mel de Abelha do Espinheiro, a fim de caracterizar a estrutura da associação e comunidade em geral; Apêndice.

#### 4. RESULTADOS

O ambiente no qual foi desenvolvido este estudo foi à região do Espinheiro, zona rural do município de Cuité – PB, distante cerca de 20 km da sede municipal. Na região foi instalada uma associação de apicultores no ano de 1995 com 12 participantes, desde então a associação vem desenvolvendo suas atividades, de modo que melhore a condição de vida de seus associados, que atualmente são em número de 36 e de cinco municípios diferentes da região do Curimataú paraibano.

É uma região predominantemente seca, pois está encravada dentro da área conhecida como polígono das secas do nordeste brasileiro e com clima quente e seco durante a maior parte do ano. A criação técnica de abelhas, conhecida como apicultura, foi implantada na região como uma forma de se procurar melhorar a renda dos agricultores, uma vez o que ainda predomina na região é a cultura de feijão e milho com características de subsistência.

A sede da associação foi instalada na propriedade do senhor Givanildo dos Santos, em local estratégico da região, de onde todos os associados tem acesso quase que de maneira equidistante. O presente estudo foi realizado com os associados visando identificar suas condições de vida, nos aspectos socioeconômicos e intelectual desde a criação da associação até os dias atuais, principalmente procurando fazer uma ponte entre a questão intelectual e a aplicação de um sistema cooperativo de produção.

A Associação de Apicultores do Espinheiro, foi fundada no ano de 1995, nasceu de uma iniciativa de dois moradores da região, que ao participarem de uma reunião agrícola promovida pela EMATER, escritório local da cidade de Nova Floresta – PB se interessaram pela criação técnica de abelhas, uma vez que não existia tal exploração na região. A colheita do mel de abelha era feita de maneira extrativista, sendo esta muito prejudicial a todo o ecossistema, tanto animal quanto vegetal. Desse modo a notícia de criação de abelhas de forma controlada se espalhou, e mais moradores da região se tornaram interessados, pois, viu-se primeiramente a questão financeira se tornar mais viável. Tendo em vista que a comunidade trabalhava apenas com culturas de subsistência (milho e feijão) e um pouco de fruticultura nativa (caju e pinha), tudo de forma temporã e sem nenhuma assessoria técnica por parte do Estado.

Para complementação de renda também praticavam a pecuária de forma extensiva e destecnificada. Ainda no ano de 1995, decidiram se juntar aos precursores Lincoln Ribeiro e

Givanildo Santos, no sentido de formarem uma associação de apicultores, a qual permanece ativa até os dias atuais.

A principal dificuldade que os membros da associação encontram para que houvesse produtividade satisfatória de mel de abelha, foi ainda a cultura do desmatamento desordenado e indiscriminado provocado por alguns moradores da região, que preferem agir com o ambiente de forma desregrada, não medindo consequências para dos seus distratos com as gerações presentes e futuras. Outro ponto que é levantado como limitador da produção de mel de abelha é o fator climático da região do Espinheiro, já que se encontra localizada no centro do Curimataú Ocidental paraibano, dentro do polígono das secas do Nordeste brasileiro.

Por outro lado a associação se preocupa com a admissão dos novos membros, no sentido de prover-lhes da maior assistência possível em termos de capacitação para desempenhar suas atividades laborais. Outro ponto que merece destaque tem sido o apoio governamental, no sentido de parceria para divulgação dos produtos da associação, treinamentos e capacitações, financiamentos, incentivos e por último vale-se destacar a presença constante do Projeto Cooperar, com o fornecimento de uma nova unidade de extração de mel.

A condição socioeconômica dos associados tem melhorado consideravelmente, pois mesmo enfrentando dificuldades, os resultados de produtividade vêm melhorando com o passar dos anos e os produtos possuem um alto grau de aceitação no mercado consumidor da região.

A gerência da associação mantém um relacionamento amigável com os membros e os projetos existentes são amplamente discutidos antes da apreciação final para aprovação. Existe entre os membros a cultura de constante avaliação dos membros diretores, sempre se procurando a renovação da mesa diretora através do processo eleitoral. Outro ponto que deve ser levado em consideração é a constante procura por novas informações, para os associados, isso se justifica pelo fato de filhos de associados estarem cursando faculdades agrícolas localizadas na região.

### A Associação de Apicultores do Espinheiro em números:

A Associação de Apicultores do Espinheiro teve seus trabalhos iniciados em 1995, após a comunidade observar o exemplo de dois agricultores locais, começarem a trabalhar com abelhas de maneira técnica e obterem lucros com a nova atividade. No início eram apenas 12 associados, todos do município de Cuité, da região do Espinheiro, atualmente são 36 associados, sendo 18 do município de Cuité e o restante de 4 municípios diferentes (Picuí, Nova Floresta, Baraúna e Damião).

No primeiro momento, a comunidade viu a nova atividade de forma desconfiada, mas com confiança que tinham em seus divulgadores, logo abraçaram o novo projeto, que avançou de forma rápida. De um modo geral o povo da comunidade era semi-analfabetos em sua grande maioria, atualmente seus filhos encontram-se nas escolas de nível médio e faculdades da região, enquanto os mais velhos são alunos cativos dos programas de alfabetização de jovens e adultos.

A economia local tem melhorado, uma vez que o tipo de produção organizada faz com que as vendas também sejam programadas e o retorno financeiro é visível; o meio ambiente tem sido protegido ao máximo possível, pois os associados estão cada vez mais conscientes que quanto menos destruir o ambiente, melhor respostas receberam do mesmo.

O processo político para administração da associação tem ocorrido ao longo do tempo de forma tranquila, já que a estrutura gerencial da associação é aceita pelos associados de forma pacífica, mas com uma vigilância de perto, através de constantes reuniões e assembleias.

Os produtos oriundos da associação são bem aceitos pelo comércio local e regional, pois a associação conta com ampla divulgação institucional e possuem qualidade satisfatória. No tocante ao nível de participação dos associados em todo o processo produtivo, tem ocorrido de forma participativa e são comprometidos com o bom andamento da instituição, tanto que a mesma está se desenvolvendo de maneira positiva e melhorando a condição socioeconômica daqueles que lá estão.

Entre as maiores dificuldades apontadas pelos apicultores, encontra-se a problemática de aquisição de insumos, uma vez que a região da Paraíba, não possui tradição apícola, sendo necessária a procura de tais insumos em estados vizinhos como Ceará e Piauí.

Abaixo será mostrada uma tabela com a evolução do número de associados desde a sua fundação até os dias atuais. (\* famílias)

Tabela 1- Evolução numérica no quadro de sócios da Associação de Apicultores do Espinheiro, desde a sua fundação até os dias atuais e sua origem.

Ano	Quantidade	Região de. Origem
1995 – Ano de Fundação	12*	Cuité – PB
2013	36*	Cuité, Picuí, Nova Floresta, Baraúna e Damião (PB).

Como podemos observar nos dados acima, nota-se uma evolução significativa, tanto em quantidade, como em expansão territorial da atividade, já que saiu da região inicial do espinheiro no município de Cuité – PB e se expandiu por mais quatro localidades ou diferentes municípios do Curimataú paraibano. Mostrando dessa forma que é uma atividade diferenciada para a região, pois tem conseguido ao longo dos anos, fazer com que o agricultor possa se manter em seu habitat de origem, conseqüentemente não precisando migrar para outras regiões do país em busca do seu sustento.

#### A Educação de Jovens e Adultos na Região do Espinheiro:

A educação de jovens e adultos tem se feito presente no município de Cuité – PB, desde os tempos do antigo MOBREAL, nos idos da década de 1970. Ao longo dos anos, os programas têm mudado de nome, mas continuam com a mesma filosofia, que é a de dar mais uma oportunidade de escolaridade, aqueles que por inúmeros motivos passaram sua infância, juventude e fase adulta, sem terem tido a chance de ao menos se alfabetizarem.

A partir da década de 1990, o Programa de Educação de Jovens e Adultos, passou a ser chamado a nível nacional, de Alfabetização Solidária, tendo recebido vários incentivos do governo federal, que vinham diretamente para as Secretarias Municipais de Educação em todo o país. Desse modo a comunidade do Espinheiro, no Município de Cuité – PB, sempre foi atendida com salas de aula do referido programa.

Atualmente o programa de Alfabetização Solidária vem procurando introduzir em sua metodologia de trabalho, temas que estejam presentes diariamente ou inseridos no cotidiano de sua clientela e para tanto foi possível observar que através dos métodos didáticos desenvolvidos em classe, um emprego prático no tocante a participação de alunos e seu envolvimento ativo nos projetos existentes na comunidade, caso em particular aqui discutido, o projeto de criação e manutenção da Associação de Apicultores da Região do Espinheiro, no Município de Cuité – PB.

Figuras 3 e 4 – Agricultores da Comunidade do Espinheiro, em momento de aprendizagem escolar, pelo Programa de Jovens e Adultos, no município de Cuité – PB.



Nas figuras 3 e 4 podem ser visualizados os agricultores da comunidade do espinheiro em momento de participação em sala de aula, dentro do Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos. As aulas são desenvolvidas em horário oposto ao de suas atividades diárias. Nesses momentos são sempre trabalhados conteúdos do cotidiano dos agricultores e sempre procurado fazer-se uma ponte entre o teórico visto nos livros, com as experiências vivenciadas individual e coletivamente na comunidade.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizarmos esse estudo de caso, pudemos observar que a implantação do sistema associativista de produção de mel de abelha de forma tecnicizada na comunidade do Espinheiro, no município de Cuité – PB tem trazido ganhos significativos para a comunidade e seus componentes. No entanto também se pode observar que o sistema não funciona de todo satisfatório, uma vez que tanto o próprio sistema de associação comunitária é pouco desenvolvido na região, como também o nível educacional dos integrantes da comunidade é baixo.

Ao longo dos anos a comunidade vem sendo contemplada com várias etapas dos programas nacionais de erradicação do analfabetismo no país (MOBRAL, EJA, Alfabetização Solidária), no entanto os resultados não tem sido de tudo satisfatórios, uma vez que inúmeros fatores influenciam de forma negativa (êxodo rural e regional, má alimentação, desinteresse da clientela, ...).Mas, vale ressaltar que enquanto os adultos oferecem certa resistência para encararem a área das letras, o mesmo não acontece com a população mais jovem, uma vez que frequentam em número bastante satisfatório, os cursos oferecidos, em escolas técnicas, regulares e até universidades agrícolas na região.

Também foi notado através de entrevistas ao comando geral da associação, bem como a alguns associados, que após o surgimento do projeto de criação de abelhas para produção comercial do mel, avanços ocorreram principalmente na mudança da qualidade de vida das famílias integrantes da atividade, tais mudanças são facilmente notadas nas áreas econômica, social, educacional e cultural, bem como aos cuidados com o meio ambiente, já que os associados têm sido constantemente informados da necessidade de preservação, já que a região estar localizada em região seca.

De um modo geral, também pode ser constatado que os programas governamentais de assistência técnica rural tem se feito presente na realidade da comunidade, fato este, comprovado, pois desde o início da atividade de exploração comercial do mel de abelha na comunidade, a EMATER – PB esteve presente apresentando aos agricultores, os benefícios que poderiam receber se aceitassem montar parceria e trabalhassem de forma cooperativa. Outro ponto importante a ser destacado é o de oferta de recursos financeiro por parte do Estado (PROJETO COOPERAR), comprovado pelo recém-investimento na comunidade, que é a construção de nova instalação física para tratamento do mel de abelha colhido no campo, o qual será processado com alto rigor de higiene e conseqüentemente boa qualidade.

Ao finalizarmos podemos concluir que existe uma necessidade urgente de unir as práticas produtivas da região, as práticas pedagógicas/educacionais, tendo em vista ao caminharem juntas, favorecerão ao desenvolvimento sustentável. Para tanto se faz necessário se propor parcerias mais fortes, entre os órgãos governamentais, sociedade civil organizada e comunidades rurais, no sentido de identificar necessidades e procurar soluções que beneficiem a sociedade como um todo.



## 6. REFERÊNCIAS

A Economia Solidária na Paraíba. Disp. <http://www.feesp.blogspot.com.br/>. Acesso em 30/08/2013.

ARROYO, João Carlos Tupinambá; SCHUCH, Flávio Camargo. *Economia popular e solidária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

As origens recentes da economia solidária no Brasil. Disp. <http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria/.htm>. Acesso em 10/08/2013.

CHARLES Fourier. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles\\_Fourier](http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Fourier). Acesso em 11/08/2013.

Cidadania e EcoSol. Disp. <http://www.brasil.gov.br/> Acesso em 20/08/2013.

CLAUDE Saint-Simon. <http://wikipedia.org/wiki/conde-de-saint-simon>. <http://www.cobra.pages.nom.br/fmbsaint-simon.html> Acesso em 10/08/2013.

Cooperativismo e Sindicatos no Brasil. A origem do cooperativismo. Disponível em <http://www.lead.org.br/article/view/174/1/186>. Acesso em 05/08/2013.

GAIGER, L.I. A economia solidária diante do modo de produção capitalista. (05/2002). Disp. <http://www.webartigos.com/artigos/economia-solidaria-e-globalizacao-uma-analise-necessaria/68778/Acesso-em:05/08/2013>.

\_\_\_\_\_. A economia solidária frente a novos horizontes. São Leopoldo – RS. (2003). Disp. [www.ecosol.org.br](http://www.ecosol.org.br). Acesso em 05 de agosto de 2013.

LAVILLE, Jean-Louis; GAIGER, Luiz Inácio. Economia Solidária. In: CATTANI, A.D. et all. (coord.) *Dicionário Internacional da Outra Economia*. Coimbra: Almedina, 2009.

MANCÉ, Euclides André. *A revolução das redes: a colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual*. Petrópolis: Vozes, 1999.

MUNARIM, Aquiles. SENAES. *Superação do capitalismo? Monografia submetida ao Departamento de Ciências Econômicas para obtenção de carga horária na disciplina CNM 5420. CGCE. UFSC. Florianópolis, SC. 2007*

PIERRE Proudhon. [www.bnb.gov.br/projwebren/Exec/artigoRenPDF.aspx?cd](http://www.bnb.gov.br/projwebren/Exec/artigoRenPDF.aspx?cd). Acesso em 11/08/2013.

ROBERT Owen. [www.bnb.gov.br/projwebren/Exec/artigoRenPDF.aspx?cd](http://www.bnb.gov.br/projwebren/Exec/artigoRenPDF.aspx?cd). Acesso em 11/08/2013.

SINGER, Paul; SOUZA, André. *A Economia solidária no Brasil; a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto, 2000.

\_\_\_\_\_, Paul. *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

# APÊNDICE



Questionário estruturado aplicado ao responsável pela administração da Associação de Produtores de Mel de Abelha do Espinheiro, a fim de caracterizar a estrutura da associação e comunidade em geral;

- Como e quando surgiu à ideia de se trabalhar a exploração de apicultura, com a prática associativista?
- Com quantos associados foi aberta a Associação de Apicultores do Espinheiro e quantos possui, hoje?
- Como a comunidade do Espinheiro recebeu a proposta de trabalhar com a prática associativista?

Qual o grau de instrução inicial dos associados da cooperativa, quando foi iniciado o programa e como estar atualmente à escolaridade na comunidade?

- Quais foram os benefícios visíveis que podem ser elencados para a comunidade, após a implantação do sistema da prática associativista, em relação a: economia local, cuidados com o ambiente e na posição social dos associados?
- Como tem ocorrido ao longo do tempo, o processo político para administração da associação?
- A estrutura gerencial da associação é aceita pelos associados de forma pacífica?
- Os produtos oriundos da associação são bem aceitos pelo comércio?
- Qual o nível de participação dos associados em todo o processo produtivo?

- Relatório técnico realizado pela pesquisadora, montado a partir das respostas colhidas e visualização da estrutura física da associação de Apicultores do espinheiro.

Figuras 5 e 6 – Pesquisadora, no momento da entrevista ao presidente da Associação dos Apicultores do Espinheiro, mostrando a nova área de beneficiamento do mel de abelha colhido no campo.



Figuras 7 e 8 – Equipamentos de beneficiamento do mel de abelha.



UFCG/BIBLIOTECA

As figuras 5 e 6 mostram a chegada da pesquisadora a sede da Associação do Espinheiro, para produzir entrevista com o presidente. Já as figuras 7 e 8 mostram o cuidado que os associados desempenham com o produto por eles trabalhado, tendo em vista que além dos equipamentos serem novos, são altamente higienizados. Por isso, o produto final apresenta uma qualidade aceitável em toda a região.

Figuras 9 e 10 – Equipamentos de criação técnica das abelhas, distribuídas entre a vegetação nativa da região.



As figuras 9 e 10 mostram como são conduzidas as criações de abelhas, pertencentes aos associados da região do Espinheiro, seguindo um padrão técnico a nível nacional. Com caixotes feitos em madeira serrada, com altura, largura e tamanho, preparados de forma que o enxame se desenvolva dentro de uma comodidade e segurança necessários para uma produção de mel de forma otimizada.

De um modo geral a entrevista com o presidente da Associação de Produtores de Mel de Abelha da Região do Espinheiro, foi altamente produtiva, pois foram respondidas todas as perguntas de maneira sintética e de forma a atender aos objetivos propostos na elaboração da pesquisa.